

Católicos não procriam

Papa diz que os católicos não devem procriar “como coelhos”. Crentes concordam, são humanos, sabem “ponderar”. Para os teólogos a novidade das afirmações está na linguagem de Francisco que dispensa qualquer “dicionário de teologia”



NUNO FERREIRA SANTOS

Rita Líbano Monteiro diz que todos os filhos foram planejados

Religião Bárbara Wong e Maria João Lopes

O Papa Francisco disse que os católicos “não devem procriar como coelhos”. As declarações não surpreendem Rita Líbano Monteiro. Católica e mãe de seis filhos, faz questão de acentuar: “Não é se é melhor católico por se ter muitos filhos.” Numa conferência de imprensa no avião que o transportou das Filipinas para Roma, o líder da Igreja Católica recusou a ideia de que os casais católicos devem ter o maior número de filhos possível, mas sublinhou que é contra a contracepção artificial.

Noel e Rute Asseiceiro, católicos e pais de cinco filhos, não vêem na mensagem de Francisco nada “contra as famílias numerosas e muito menos contra os métodos naturais”. Aliás, concordam: “Somos humanos e não somos coelhos. Os coelhos não conseguem ponderar.”

Rita Líbano Monteiro, 46 anos,

administrativa e financeira de uma comunidade terapêutica, também não podia estar mais de acordo. “Os meus filhos foram tão planejados que o último até é adoptado.” Usa métodos naturais - pratica a abstinência sexual durante os períodos férteis. “Quando isto é feito com generosidade, não é um peso para a vida do casal. Os períodos de abstinência até ajudam a que os outros se vivam mais intensamente.”

Para esta católica, as afirmações do Papa não são alheias à viagem às Filipinas, que reúne metade dos católicos da Ásia e onde o líder da Igreja foi confrontado com a realidade de milhares de crianças abandonadas nas ruas por pais que não as conseguem sustentar. As declarações surgem depois de um jornalista lhe perguntar o que diria a uma família católica que tem mais filhos do que economicamente lhe é possível, mas a quem a Igreja proíbe de fazer contracepção.

O que o Papa disse é que “a abertura à vida é uma condição do sacramento do matrimónio, mas isso

não significa que os católicos devam fazer crianças em série”: “Falei com uma mulher, grávida do seu oitavo filho, depois de sete cesarianas, e disse-lhe: ‘Você quer deixar órfãs sete crianças’”. A mulher respondeu que confiava em Deus. “Deus deu-te os meios para seres responsável”, disse-lhe o Papa.

Para Rita Líbano Monteiro, “o que está em causa é a paternidade responsável”, de que é “completa defensora”: “Os nossos filhos nunca foram fruto de azares ou acidentes.” Para esta católica, “não há contradição entre uma família numerosa e uma paternidade responsável”, desde que cada casal avalie as condições e seja “generoso”: “Se calhar, tendo os mesmos rendimentos base, com seis filhos não se tem o mesmo nível de vida do que só com um.”

Há, porém, casais católicos que tomam outras opções. É o caso de Ana e Diogo Alarcão. “Como casal nunca nos sentimos menos católicos por termos optado sempre por métodos de contracepção artificial,



Papa defende que católicos não têm de “fazer crianças em série”

apesar de sabermos que não é essa a orientação da Igreja Católica. Aliás, também nunca nos sentimos discriminados por termos tido relações sexuais antes do casamento ou por termos vivido em comunhão de facto antes de termos decidido casar pela Igreja.” E acrescenta: “Achamos que a Igreja não devia estar preocupada em discutir se os católicos devem usar meios naturais ou artificiais de contracepção, mas sim como é que vivem a sexualidade.” O casal tem dois filhos, com 14 e 18 anos, e aborda com eles, “de forma aberta”, as questões da educação sexual, conta Diogo Alarcão, 48 anos, que trabalha numa multinacional de consultoria.

“Comicidade da expressão”

O que tem de original a declaração do Papa? O padre, teólogo e professor universitário, Anselmo Borges, destaca a “comicidade da expressão”: “Lembro-me de ter usado essa expressão numa aula: ‘Se pensam que os católicos são obrigados a repro-

duzir-se como coelhos, estão muito enganados’.”

Também para a teóloga e professora universitária, Teresa Toldy, a novidade não é teológica: “É a forma como diz, a linguagem. Dito de forma clara. Outros papas nunca disseram isto assim, [Francisco] utiliza uma linguagem que faz toda a diferença. As pessoas percebem o que ele diz. Não precisam de um dicionário de teologia.” São declarações “importantes”: “A Igreja nunca disse para as pessoas se reproduzirem como coelhos. Mas isso entrou muito na mentalidade das pessoas. Há católicos que pensam que é mesmo ‘crescei e multiplicai-vos’. E até ao Concílio Vaticano II eram os filhos que deus quisesse. A sexualidade justificava-se em função da procriação. O Papa sabe que há pessoas que continuam a defender esta ideia. Há grupos que devem ter ficado perplexos com estas declarações”, diz Toldy.

Tanto Anselmo Borges como Teresa Toldy acreditam que, mais do que relacionadas com as Filipinas ou

...iam “como coelhos”



ERIK DE CASTRO/REUTERS

com o próprio Sínodo da Família, as declarações do Papa reflectem sobretudo o que ele pensa. “Não é o facto de ter muitos ou poucos filhos que é indicativo de se ser ou não bom católico, enquanto pai e mãe, é qualidade”, reitera Toldy. Mas admite que possam reforçar o pensamento no Papa no seio do Sínodo. “Há ali três posições. Os conservadores, que querem manter tudo como está, não questionar. Os progressistas, para quem é preciso mudar e é preciso que as mudanças sejam claras. E os intermédios, que querem conciliar o que a Igreja tem dito com a avaliação da viabilidade de isso poder continuar a fazer sentido e ser vivido pelas pessoas ou não. Penso que o Papa se situa no intermédio.”

Para Anselmo Borges, com estas declarações, o Papa “não está senão a retomar a dinâmica do Concílio Vaticano II”: “Até ao Concílio Vaticano II (1962-1965), o único fim da actividade sexual era ter filhos. A união do casal era um fim secundário. A ideia dominante era a de que os católicos

deviam ter muitos filhos.” O Concílio “integra a actividade sexual na vida do casal, que deve ser aberto à vida, mas já não há distinção entre fim primário e secundário.”

Também para católica Mafalda Calvão, 45 anos, directora financeira de um colégio, as declarações “não têm nada contra o que a Igreja defende”, a “paternidade responsável”. Tem sete filhos, com o marido, professor universitário João Calvão. Usam os métodos naturais, “de acordo com o que a Igreja propõe”: “Foi uma decisão tomada a cada ano que passa. À medida que os anos passam vamos percebendo que podíamos ter mais um filho e fomos tendo. Todos os nossos filhos foram planeados, o que não quer dizer que, se houvesse um acidente, não aceitássemos, com todo o amor dos pais pelos filhos”, diz Mafalda Calvão.

Esta é também a posição da Associação Portuguesa de Famílias Numerosas (APFN): “O nosso sentido vem na linha do que a Igreja sempre disse: a paternidade deve ser responsável

e as decisões de ter muitos filhos devem pertencer ao casal”, afirma o presidente, Luís Cabral.

“Interpretações evasivas”

Na Carta dos Direitos da Família, de 1983, lê-se que o casal “tem o direito inalienável de constituir uma família e de determinar o intervalo entre os nascimentos e o número de filhos que desejam”. Anterior a este documento assinado pelo Papa João Paulo II está a encíclica *Humanae Vitae*, saída do Concílio Vaticano II, outorgada por Paulo VI, onde se fala da “paternidade responsável” como missão do casal. Francisco, na conversa com os jornalistas, apelidou Paulo VI de “profeta”, porque se preocupou com o “neomalthusianismo universal” que “procura controlar a humanidade”. Referiu que os especialistas recomendam três filhos por casal. “A ideia-chave que a Igreja defende é a paternidade responsável. Como é que esta se faz? Pelo diálogo. Este existe no seio da Igreja, nos grupos matrimoniais, nos especialistas, nos pastores”, insistiu o Papa.

Maria José Vilaça, presidente da Associação de Psicólogos Católicos, confirma que há apoio em grupos no interior das paróquias mas também em associações e outras organizações. Pode começar durante o namoro e estende-se às famílias. “O que [o Papa] faz é dizer às pessoas para usarem a razão. É dizer que Deus nos deu a razão não para procriarmos como animais mas para nos reproduzirmos como seres humanos.”

Não existe nas declarações do Papa qualquer palavra contra as famílias numerosas, salvaguarda Hugo Oliveira, secretário-geral da Confederação Nacional das Associações de Família. “A Igreja deve acompanhar a evolução da sociedade e o Papa tem dado sinais claros de querer passar uma mensagem de protecção da família. Há uma mensagem de responsabilidade.” Noel Asseiceiro acredita que “uma família numerosa cria dinamisimos que a enriquecem muitíssimo a todos os níveis” e alerta: “Não nos deixemos enganar por interpretações evasivas. É fundamental para bem da Europa promover a natalidade, como sempre defendeu a Igreja.”

No avião, o Papa denunciou ainda a “colonização ideológica” contra a família tradicional. A presidente do Movimento Defesa da Vida, Graça Mira Delgado, alerta para os países em desenvolvimento, onde as pessoas são “condicionadas a aceitar formas de controlo de natalidade que vão contra a sua cultura”. “Isso é grave.”

Métodos naturais “não são tão naturais como isso”

Bárbara Wong
e Maria João Lopes

O padre, teólogo e professor universitário, Anselmo Borges, defende que há “uma certa contradição” no que respeita aos métodos naturais defendidos pela Igreja Católica. “Os chamados métodos naturais que a Igreja indica não são tao naturais como isso, porque não actuam de modo cego. Foi o ser humano que descobriu que a natureza tem as suas leis e utiliza isso. Portanto, há aqui uma certa contradição. O ser humano descobriu e agora usa-os com inteligência.”

O docente defende que, “quando se é contra os métodos artificiais, pressupõe-se uma natureza fixa, estática, petrificada”: “A natureza humana é histórica e interventiva. É dada ao ser humano a tarefa de transformar a própria natureza. Nós vivemos transformando o mundo. Por natureza, o humano é um ser artificial, vai criando cultura. A questão dos métodos também faz parte dessa cultura.”

O também padre e médico José Manuel Pereira de Almeida salienta que, no que toca a métodos naturais, “é importante uma educação e uma formação”: “A fiabilidade ou infabilidade diz respeito ao modo como são aplicados. Para alguns, conhecer bem os ciclos e a regularidade ou irregularidade dos ciclos, é mais difícil. Mas não significa que não seja um bom método, depende de cada caso.” Sobre o método, a Direcção-Geral de Saúde aponta as mesmas cautelas: métodos “difíceis de utilizar quando em presença de ciclos irregulares e que implicam, por exemplo, “uma observação cuidada das modificações fisiológicas do corpo da mulher” e “o registo diário dos dados”.

O director executivo da Associação para o Planeamento da Família, Duarte Vilar, salienta que em Portugal, um país maioritariamente católico, só 2% das mulheres usam esse tipo de métodos. O país é o segundo do mundo onde mais se usam contraceptivos, a seguir à Noruega. Desde 1968, quando a *Humanae Vitae* foi publicada, que a Igreja não pede aos católicos que procriem como coelhos, antes indica como devem regular a

natalidade, começando por lhes lembrar a “paternidade responsável”. Esta passa por respeitar as “leis biológicas que fazem parte da vida humana”. No que toca às condições físicas, económicas, psicológicas e sociais, a “paternidade responsável exerce-se tanto com a deliberação ponderada e generosa de fazer crescer uma família numerosa, como com a decisão, tomada por motivos graves e com respeito pela lei moral, de evitar temporariamente, ou mesmo por tempo indeterminado, um novo nascimento”, recomenda a encíclica, que condena os métodos de regulação artificial da natalidade. Para Graça Mira Delgado, presidente do Movimento Defesa da Vida, associação que promove a educação sexual e o planeamento familiar, a encíclica de Paulo VI foi mal interpretada e, por isso, rejeitada: “A *Humanae Vitae* foi rejeitada por aceitar tacitamente o



Anselmo Borges diz que há uma certa contradição nos métodos naturais defendidos pela Igreja Católica

uso de contracepção hormonal, mas desde essa altura que a Igreja defende uma paternidade consciente, generosa e responsável. E é isto que o Papa Francisco, na sua linguagem muito simples e próxima das pessoas, diz quando afirma que não devem procriar como coelhos.”

Não faz sentido falar em contracepção natural, mas em regulação, sublinha a presidente da Associação de Psicólogos Católicos, Maria José Vilaça. “A Igreja não educa para a contracepção mas para a regulação natural. A contracepção implica uma visão redutora do homem, da sexualidade, da própria vida que é vista como uma ameaça e de Deus”, adianta.

Graça Mira Delgado defende que o mais importante é a liberdade das pessoas. Se um casal quer ter muitos filhos não deve ser apelidado de irresponsável, mas deve ser respeitado pelas suas opções. “Não é o médico, o enfermeiro, o pai ou o padre que decidem; é a mulher que escolhe na sua relação com Deus”, diz.